

Carta aberta dos professores substitutos da UERJ à comunidade universitária e à sociedade civil

Não é recente a problemática que envolve os professores substitutos da UERJ, das contratações ao pagamento de salários. Uma rápida pesquisa na internet fará reaparecer matérias dos anos de 2013 e 2014, ambas publicadas pelo jornal O Globo, nas quais os professores substitutos de nossa instituição se encontravam sem salários pagos em dia ou mesmo com problemas relacionados aos contratos vigentes ou por renovar.

Aos que não sabem, os professores substitutos são aqueles contratados temporariamente para cobrir licenças e afastamentos de professores efetivos, ou mesmo para ministrar disciplinas de vagas ociosas (seja por aposentadoria ou outro motivo) enquanto essas aguardam um novo docente efetivo para ocupá-la. Na UERJ, de forma distinta do sistema de contratação das universidades federais, recebemos por hora-aula, e ao tempo em sala é adicionada uma pequena margem destinada à remuneração da preparação de aulas. Recebemos R\$ 17,83 por hora-aula ou hora-preparação. Para que um professor substituto da UERJ receba algo próximo ao piso salarial dos professores de educação básica estipulado pelo MEC para 2020 é necessário que este enfrente 26 horas-aula, que se tornarão 36 horas com o adicional de preparação, resultando na remuneração líquida de R\$ 2568,81. Aqueles que já estiveram em uma sala de aula, em especial na docência de nível superior, sabem que ter uma carga semanal de 26 horas-aula é uma tarefa no mínimo assustadora. Não possuímos adicional por titulação, nem mesmo o pagamento de vale-transporte. O professor substituto que vai à UERJ ministrar uma aula de 4 horas, gasta mais de 10% de sua remuneração relativa ao dia de trabalho ao pagar os bilhetes do metrô que o fará chegar à UERJ e retornar a sua casa - isso se for necessária apenas uma condução. Mas isso é só parte da ambiência, o motivo de nossa carta é outro.

Nossos contratos são renovados semestralmente, o que nem sempre acompanha em exatidão o início das aulas ou mesmo o fim do contrato anterior. Extravios de processo e incompatibilidade entre datas de recebimento de processos de contratação e inclusão na folha de pagamento são constantes. O que fez com que muito de nossos colegas tivessem atrasos salariais de meses no semestre passado - alguns só receberam o montante de salários relativos ao segundo semestre de 2019 no início deste ano. Os processos são morosos e muitas vezes a informação sobre seus andamentos é turva ou inexistente. O que mais uma vez fez com que

as renovações contratuais para o semestre letivo em curso fossem realizadas pouco antes do fechamento da folha de pagamento dos funcionários da Universidade. Em decorrência disso, nós, professores substitutos da UERJ, só receberemos nossos salários relativos ao mês de março em meados de maio. Mas agora há um agravante: em meio a uma pandemia, professores substitutos de diversos departamentos e do Colégio de aplicação da UERJ acham-se desamparados financeiramente. E pior: muitos de nós têm problemas de incompatibilidade entre a carga horária do contrato firmado no início do semestre em curso e aquela figurada no contracheque para ser devidamente remunerada. Claro, tudo isso é coroado pela impossibilidade de reclamações ou correções imposta pelo funcionamento apenas de atividades ditas “essenciais”. Nós também não recebemos cópias assinadas de nossos contratos, o que dificulta ainda mais a contestação pelo diálogo ou litígio. Se nos outros semestres o problema recorrente apenas representava um descaso, ou mesmo uma não-observância estrita das leis trabalhistas, agora transfigura-se numa profunda irresponsabilidade.

Em resposta a uma carta enviada por nossos colegas professores substitutos do Colégio de Aplicação na semana passada à reitoria da UERJ, Ricardo Lodi, novo reitor de nossa instituição, afirma lamentar muito o atraso e reitera que, mesmo “diante da suspensão das atividades e do contingenciamento orçamentário que a UERJ sofreu [sic.]”, nossos contratos foram renovados, mas que, entretanto, o atraso faz parte de uma operação feita em tempos de crise. Excelentíssimo Reitor Ricardo Lodi, nós, infelizmente, temos que te alertar que atrasos não são excepcionais na UERJ. Há anos, nós, professores substitutos, sofremos com um sistema de contratação ineficiente e perverso. Mas agora ele recebe um agravamento diante da agudeza do momento: estamos sem nossos salários em meio a uma pandemia. A renovação de nossos contratos em meio a crise do COVID-19 não pode ser tomada como uma benevolência, ela é um compromisso - inclusive porque muitos, antes da suspensão das aulas, já tinham até mesmo iniciado suas disciplinas. Somos parte da atividade-fim da Universidade, somos professores. É, sobretudo, o próprio sistema de contratações e renovações de contratos que aqui criticamos publicamente. Um sistema que há anos mostra-se ineficiente, pouco transparente e perverso. Não há demagogia capaz de atenuar o problema em questão!

Assim, deixamos aqui publicamente nosso repúdio aos constantes atrasos salariais, às condições contratuais vigentes, tanto quanto ao defasado salário a nós oferecido. O momento

pandêmico serve, sobretudo, para refletirmos sobre a gravidade de certas relações já há muito tempo corrompidas. Talvez seja o momento de tornar o discurso inclusivo, bandeira hasteada pela UERJ, extensivo aos seus professores substitutos.